

## Literatura negra<sup>[1]</sup>

**Olá, professores/as! Certamente, vocês já escutaram falar sobre literatura negra ou a expressão “enegrecer a literatura”, não é mesmo? Será que a literatura tem cor? Qual é a importância dessa representatividade para a literatura e para a sociedade? Neste capítulo, vamos pensar essa escrita como necessária e eficiente para visibilizar pessoas racialmente invisibilizadas.**

A literatura sempre foi um espelho da sociedade, seja pelas suas movimentações sociais, suas conquistas, suas opressões... Por isso, ao tratar sobre questões literárias, não podemos esquecer de falar sobre contexto histórico, questões que marcaram uma determinada época. Assim, ao estudarmos cada manifestação literária podemos inferir sobre padrões da época. Aqui, no Brasil, iniciamos a nossa escrita literária autóctone no período seiscentista, com o Barroco. Ao pensarmos as escolas literárias subsequentes, analisemos: quando a mulher passa a escrever e ser visibilizada? Quando o homem negro passa a escrever e ser visibilizado? Quando a mulher negra passa a escrever e ser visibilizada? Tais grupos sociais sempre foram oprimidos e silenciados por séculos.

O cânone ou clássicos literários, que sempre vigorou no ambiente escolar, reforça a dominação da cultura branca em detrimento a outras culturas, entendida menores. Por isso, a estereotipação de pessoas negras sempre foi um mote para essa literatura – a mulata hipersexualizada, o negro feroz e viril, a preta velha enlouquecida ou trabalhadora doméstica, são alguns exemplos. Ao pensar nas obras de Jorge Amado, de Monteiro Lobato, de Joaquim Manuel de Macedo, tem-se uma pequena amostra de como os negros/as são retratados/as: de modo estilizado, distante da sua história e de sua realidade, por vezes, sem núcleo familiar ou sobrenome. As mulheres negras são retratadas como fogosas, boas de cama, ratificando o ditado popular: “branca para casar, mulata para fornicar, preta para trabalhar.” Como aponta Dionísio (2015, p.1): “o personagem masculino negro nas obras [...] tende a manter a lógica que permeia a literatura brasileira e dos seus narradores, criando personagens que perpetuam o mito sexual de virilidade e o despojamento de humanidade desses sujeitos”.

Com isso, subvertendo padrões e imposições dos críticos literários, a Literatura Negra possibilita que pessoas negras escrevam sobre si e sobre os seus, sem interlocutores. Assim, ela consegue expressar vivências, as subjetividades, extravasar dores e visibilizar a história de milhares de brasileiros que se reconhecem em cada linha, seja no poema ou na prosa. Nessas narrativas, fica perceptível a história das pessoas negras que foram abruptamente retiradas de seu país, trazidas para o Brasil e escravizadas e todas as

implicações desse contexto para as gerações posteriores. A ancestralidade que cada conto, cada romance, cada poema carrega é uma teia complexa que se entrecruza mães, avós, filhas, filhos e várias gerações. Como é possível ver no conto “Olhos d’água”, no livro homônimo, de Conceição Evaristo, que traz à tona o questionamento: “De que cor eram os olhos de minha mãe?”, enquanto a narrativa entremeia a vida sofrida de mulheres negras e todas as heranças que elas carregam. Por isso, ao alcançar a cor dos olhos da mãe, a personagem tenta descobrir a cor dos olhos da filha, ao passo que a filha tenta encontrar a cor úmida dos olhos dela. Assim, os/as autores/as negros/as escrevendo sobre si, rompem o ciclo secular de racismo institucional praticado pela literatura hegemônica brasileira.

A literatura negra passa a integrar o cenário literário a partir de meados do século XX, em meio ao surgimento dos Movimentos Negros, que visibilizou a denúncia da segregação social e a negação dos Direitos Civis desse povo. Tais manifestações passaram a estimular a consciência da negritude, ratificando comportamentos sociais e culturais, criando teias identitárias e possibilitando pessoas à assumpção e ao orgulho da sua negritude. Ainda que o século XX tenha sido a efervescência do Movimento, no século XIX, no Brasil, já despontavam escritores abolicionistas, como Luís Gama e Maria Firmina dos Reis. Ao passo que, escritores negros celebrados pela Literatura canônica, tiveram a negritude silenciada, camuflada ou colocada como um contraponto exótico a sua escrita, como Machado de Assis, que foi constantemente embranquecido pela sociedade, pela mídia, pelos livros didáticos.

Através da Literatura Negra, escritores negros passaram a imprimir um novo estilo na escrita. Para além das questões relacionadas às vivências dos autores, a linguagem também acompanha essa referência, trazendo um vocabulário e símbolos específicos em um processo contínuo de desconstrução de padrões literários hegemônicos branco. É extremamente relevante que o negro saia de sujeito tematizado para ser o próprio narrador, deixando de ter um interlocutor branco que deturpa ou estereotipa suas vivências para um interlocutor que carrega experiências ancestrais.

Para Duarte (2011), a Literatura Negra traz a experiência do negro para a escrita literária, atribui ao negro a autoria, permite a adesão à história e às tradições, uma linguagem atravessada por heranças linguístico-culturais africanas. Todo esse projeto político, estético, ideológico e identitário permite problematizar o cânone literário, que deveria ser plural e heterogêneo.

Para compreender esse contexto de produção e a urgência da Literatura Negra é necessário ler autoras/es que teorizam a temática, além de ser dedicar também à prosa literárias e aos poemas, a exemplo de Conceição Evaristo, Cuti (Luís Silva), Míriam Alves, Joel Rufino dos Santos, Osvaldo Camargo.

“Quando nós mulheres negras produzimos um texto em que estamos falando do outro... estamos falando de nós mesmas” Conceição Evaristo[2]

...[3]

Milton Santos e Sueli Carneiro [4]

### Referências:

BERND, Z. Poesia negra brasileira - Antologia. Porto Alegre: AGE/IEL/IGEL, 1992.

CUTI (Luís Silva). Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DIONÍSIO, Dejair. Homens negros de Jorge Amado: a invisibilidade e a subalternidade dos personagens em Tocaia Grande e o racismo anti-negro . In: ANAIS DO COPENE SUL, 2015. Disponível em: <<https://proceedings.science/copene-sul/trabalhos/homens-negros-de-jorge-amado-a-invisibilidade-e-a-subalternidade-dos-personagens-em-tocaia-grande-e>>. Acesso em: 05 mar. 2021.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na Literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: SOUZA, F & LIMA, M. N. (org). Literatura afro-brasileira. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

## Colocando em prática:

### 1. Qual o objetivo da discussão sobre Literatura Negra com os/as estudantes?

O objetivo deste capítulo é discutir uma escrita literária que foge à hegemonia branca, supervalorizada em espaços escolares e pela crítica literária. Dessa maneira, intenta-se que o professor reflita tanto a diferença quanto a importância de uma literatura escrita por pessoas negras, tratando de suas ancestralidades, vivências e resistências, que, geralmente, dialogam com a existência de muitas/os estudantes.

### 2. Ao trazer essa discussão para sala de aula, o que se espera para os/as estudantes?

Ao discutirmos a literatura negra, é importante explorar como a escrita de pessoas brancas sobre as experiências dos negros carrega uma estereotipação que permeou (e ainda permeia) o imaginário da população brasileira e estrangeira. Espera-se que o/a estudante reflita, por exemplo, como essa percepção corrobora para a manutenção dos ideais racistas. Ademais, percebam a Literatura negra como modo de subversão, sobrevivência e ação.

### 3. Como trabalhar esse tema com os/as estudantes?

Antes de discutir o tema, peça para que os/as estudantes identifiquem nas escritas literárias (independente do gênero), que eles já acessaram: quem era o autor, quem eram as personagens, como elas eram representadas e se perceberam diferenças na representação de brancos e negros.

A fetichização de Gabriela, em “Gabriela, cravo e canela”, livro de Jorge Amado, adaptado para uma minissérie da Rede Globo[5]



Fonte: <https://retenciasevirgulas.wordpress.com/2018/01/03/jorge-amado-e-a-sexualizacao-da-mulher-preta/> Acesso em: 13mar. 2021.

Trabalhar esses estereótipos de pessoas negras a partir de um autor, como Jorge Amado, ou de vários autores, dentre os quais podemos incluir também Monteiro Lobato, é uma estratégia que possibilita ao estudante visualizar as matrizes raciais no Brasil. Professor(a), ainda é possível refletir sobre o seguinte aspecto: o que esses autores faziam era a prática do racismo ou era a ratificação de um pensamento de época? Sendo um pensamento de época, deixa de ser racismo. A polêmica é grande e

possui defensores de todos os lados, como é possível ver em matérias citadas nas referências.

Ademais, é de extrema importância ler autores negros. Para começar, os **Cadernos Negros**,<sup>[6]</sup> cujas edições apresentam contos ou poemas, são excelentes. Surgido em 1978 e organizado pelo Quilombhoje, as publicações conseguem visibilizar e reunir a escrita de experiências e visões de mundo de escritores/as negros/as, constituindo-se em um importante veículo de cultura, reflexões e vida de afro-brasileiros.

#### **4. Pensando vocábulos:**

Professor/a, reflita com seus/suas estudantes o uso do vocábulo “escrevivências”, criado e difundido pela escritora Conceição Evaristo, para significar a escrita que nasce do cotidiano, das experiências de vida, das memórias do/a próprio/a autor/a.

#### **5. Você sabia?**

Em 2021, a escritora **Carolina Maria de Jesus**<sup>[7]</sup> – mulher negra, periférica, que só teve acesso à educação formal por dois anos - recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nascida em Minas Gerais, migrou para uma periferia de São Paulo e seu ofício era de catadora de papelão. Seus escritos, feitos inclusive em papéis encontrados no lixo, foram publicados pelo extinto jornal “A noite”. A sua paixão pela escrita e pela leitura fez com que ela escrevesse uma verdadeira obra-prima: o livro Quarto de despejo, que foi traduzido para 16 idiomas e projetou a escritora no cenário literário brasileiro e mundial.

#### **Referências:**

COSTA, Anna Gabriela. Bisneta de Monteiro Lobato exclui passagens racistas em adaptação de clássicos. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/2020/12/03/bisneta-de-monteiro-lobato-exclui-passagens-racistas-em-adaptacao-de-classico>. Acesso em: 12 mar 2021.

MIGUEL, Adilson. Lobato e o racismo. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/lobato-e-o-racismo>. Acesso em: 12 mar 2021.

SILVA, Cidinha da. Festa para o nascimento de Carolina de Jesus e Abdias Nascimento. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 12 mar 2021.

(Quilombhoje). <https://www.quilombhoje.com.br/site/>. Acesso em: 12 mar 2021.

#### **6. Sugestões de leituras:**

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

Cadernos Negros 40: contos afro-brasileiros. Organização de Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2017.

## **7. Sugestões de vídeos:**

O canal Cultura, através do Conexão Futura, propôs um diálogo com Conceição Evaristo, Fernanda Felisberto e Eduardo Assis sobre a Literatura afro-brasileira. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=oc-GF\\_n9Vvk](https://www.youtube.com/watch?v=oc-GF_n9Vvk). [8][9][10] Acesso em: 12mar. 2021.

## **8. Tá na rede**

Site Resistência Afroliterária: intenta ser um espaço de divulgação e exposição de arte negra, por isso, traz análises, resenhas, divulgações, indicações, reflexões e notícias sobre literatura e cultura feita por e para pessoas negras.

Link: <https://afroliteraria.com.br/categoria/leiturapreta/>

Instagram: <https://www.instagram.com/afroliteraria/?hl=pt-br>